6.

Conclusão

Ao assumirmos o desejo de tratar sobre a contação de histórias, reconhecemos que não trataríamos de algo novo, visto que, a contação, por si só, há muito já está dentre nós; ao pé do fogo; às margens dos rios e igarapés; ao redor da cama; nos quintais, nas senzalas; nas escolas e em tantos outros lugares. Falar do grande escritor que foi e continua sendo Lobato, não seria fácil, pois tantos grandes nomes já o fizeram e a sua obra já o fez por si só. Ainda assim, movidos pela paixão, assumimos este risco. E nos lançamos tal qual estrela cadente nesta “viagem”. Não ao Céu, mas ao universo do contar. E, através do legado ofertado pelos grandes contadores e pelos teóricos que trataram das questões relacionadas ao tema, contamos.

Estamos cientes de que não apresentamos ineditismo neste percurso, mas buscamos a sofisticação Lobatiana ao tratar do tema e elencamos elementos essenciais que confirmassem o que, muitas vezes, mais tardiamente, a teoria tratou. Pelo exposto, confirmamos a premissa que a contação de histórias pode se caracterizar como uma das primeiras maneiras de se formar leitores.

Percebemos de que forma o visionário e apaixonado Lobato, o Bento e a Benta, unidos a outras vozes (que saltam do papel ou das academias e dos contadores espalhados por todo o mundo), nos deixam um grande legado e convidam-nos a deitar sementes que possam germinar e espalhar histórias encontrando novos rumos, mesmo por vezes, remando contra o vento, outras, a favor.

A ousadia aqui, advém da coragem de percebermos que a hora de narrar ainda é agora, pois passado, presente e futuro cabem no espaço da narrativa, fazem morada no imaginário e na arte, que transtemporal, sobrevive e forma leitores, convidando-os a tecer os fios das histórias com os fios das suas histórias de vida. Assim nascem leitores, escritores e contadores, a exemplo de Ana Maria Machado e Lygia Bojunga que, em vários depoimentos, falaram da presença de Lobato em suas trajetórias. Narrar é, dentre outras coisas, compartilhar e solidariedade não tem idade. Isso também foi mostrado. O espaço é aqui, aí, acolá

e aonde mais se inventar... basta a “chave do tamanho” ideal pra se promover a guerra santa do era uma vez...

ou de afins, pois esta iniciativa, esta prática pode configurar-se apenas como a largada num longo caminho de formação do leitor.

Lobato está vivo na história. Eternizou-se através de suas histórias. E as histórias têm se eternizado através dos tempos e dos contadores também. Este legado é nosso. Contar esta história na academia é acreditar que teoria e prática podem e devem caminhar juntas e contribuir para a formação do leitor. Um leitor de mundo que necessita continuamente aprender a ler o espaço, o tempo em que está inserido. Acreditamos ser possível plantar histórias nos ouvintes, para que ele as regue com as suas experiências e desejos e colha os frutos se lambuzando e tirando de cada história o seu melhor sumo. Ouvir, sentir, experimentar, ler a vida.